

GES
PCP

G

O Militante

BOLETIM DE ORGANIZAÇÃO DO P.C.P.

O 2º CONGRESSO ILEGAL CONTRA O PUTCHISMO

Os erros e vícios do passado, quando não amplamente discutidos e rectificados, reaparecem muitas vezes sob novas máscaras e disfarces, a desvia-rem o Partido dum justo caminho político. Na actividade passada do nosso Partido, devido ao ambiente em que o Partido nasceu e cresceu, devido às debilidades do trabalho de massas e à persistência feróz do fascismo, constantemente se manifestaram tendências erradas que conduziam ao putchismo. Para responder ao problema angustiante do fascismo, não raro no Partido se manifestaram tendências divorciando o derrubamento do fascismo da acção das massas e procurando outras vias que foram desde o compromisso em actos terroristas ao compromisso em golpes militares. O Partido condenava "em princípio" tais métodos, mas os seus quadros e a sua Direcção não raro confiavam nêles e esperavam deles a solução do derrubamento do fascismo. O movimento de 18 de Janeiro foi o resultado duma concepção putchista da insurreição, o que se tornou mais claro quando o Partido considerava posteriormente o 18 de Janeiro para Portugal como a "Revolução de 1905" para a Rússia.

Não é, entretanto, apenas numa actividade prática de colaboração com os terroristas e putchistas que se têm manifestado tendências erradas no nosso Partido. Elas manifestam-se em apreciações e concepções políticas que aparecem na imprensa do Partido, em palavras de ordem do Partido, assim como em opiniões e sugestões de camaradas responsáveis.

O 2º Congresso Ilegal submeteu as tendências putchistas a um duro exame. Verificou e rectificou erros na actividade partidária desde o 1º Congresso e

condenou o desvio dum importantíssimo núcleo de camaradas.

Analisando a situação nacional **O CONGRESSO CRÍTICOU ASPERAMENTE AS IDEIAS PUTCHISTAS NO MOVIMENTO ANTI-FASCISTA PORTUGUÊS**, apontando-as como o erro mais perigoso, susceptível de conduzir os anti-fascistas a fracassos e afastando as forças anti-fascistas das suas verdadeiras tarefas.

"A concepção de que será um golpe militar que derrubará o fascismo—dizem as Resoluções sobre "O caminho para o derrubamento do fascismo"—desvia as forças anti-fascistas das suas tarefas fundamentais (organização e mobilização das massas) conduz à inércia e ao sebastianismo e, quando concretizada numa actividade prática, representa grave risco para as forças anti-fascistas. "O Partido Comunista deve continuar não participando na preparação de quaisquer golpes militares e deve fortalecer a sua ideológica contra o putch".

E no informe político, sublinhava-se: "Tão bem compreende o fascismo esta influência prejudicial das concepções putchistas que não raro deixa correr a conspiração (quando a não alimenta), deixa que ela desoriente, crie esperanças, agrave os compromissos. E, amadurecida a conspiração, intervem serenamente, com umas demissões, transferências ou prisões bem apontadas, que, num momento, alteram e inutilizam todos os planos dos conspiradores."

Acontecimentos posteriores ao 2º Congresso comprovaram a justeza da apreciação do Partido e das suas advertências. Esses acontecimentos constituem experiência que deve servir a todo o movimento de Unidade Nacional.

b) Analizando a actividade politica do Partido, o 2º Congresso sublinhou **ALGUNS DESVIOS GRAVES DA JUSTA LINHA POLITICA APROVADA NO 1º CONGRESSO.**

O Congresso sublinhou os perigos da linguagem optimista da imprensa do Partido (particularmente em 1914), que muitas passagens divorciadas da realidade podia acalentar esperanças da proximidade da insurreição. E, uma vez que as condições para elas não estavam criadas, tal linguagem tal affirmações da proximidade duma "crise revolucionária", da "preparação para a revolução", etc, longe de contribuirem para o esclarecimento politico das massas e dos militantes, criavam confusões e incompreensões, susceptíveis de alimentar ideias putchistas.

O Congresso sublinhou também o desvio politico que aparece na criação dos **GACs**. Ainda que respondendo à justa preocupação de organizar a resistência contra a brutal repressão fascista, os **GACs** foram formados de maneira a que correspondia a alimentar no movimento de Unidade Nacional, ideias putchistas e prejudicar-se assim a concepção insistentemente martelada de os Comités de Unidade Nacional serem organismos vivos, organismos de direcção das lutas do nosso povo" (Informe de Duarte). O Congresso sublinhou igualmente que a rectificação posteriormente feita no que respeita aos **GACs** foi igualmente errada, uma vez que assentava numa ideia optimista da situação nacional. Finalmente o Congresso sublinhou que "o mais grave não é o termo, errado, mas, não termos sabido emendar logo que isso impunha. Em vez de irmos ao fundo da situação, das consignas lançadas, as afirmarmos pela experiência, e de as rectificarmos, deixámos desaparecer a consigna dos **GACs** acompanhando o seu completo insucesso" (id).

Tais foram os erros fundamentais na actuação politica do Partido que o Congresso criticou e que traduzem as influências ideológicas do putchismo no seio do nosso movimento.

c) Por outro lado, o Congresso analisou as concepções politicas defendidas por um importante núcleo de camaradas que se opunham à linha do Partido. As camaradas consideravam errada a linha politica do Partido e propunham uma nova orientação e que cha-

mavam a "**POLÍTICA DE TRANSIÇÃO**". Segundo esses camaradas o nosso objectivo devia ser a instauração dum governo de transição. Para o instaurar, ainda que insistindo muito na politica de massas, os camaradas apontavam dois caminhos: "provocar a desagregação do governo fascista num regime de transição" e "levar a cabo um golpe militar".

Os camaradas pensavam que no Conselho Nacional o Partido devia apoiar qualquer acção tendente à organização "dum golpe de estado por cima" e defendiam a necessidade de "conquistar uma boa parte do exército para uma acção tendo o fim immediato da queda de Salazar".

Analizando detidamente estas concepções o Congresso sublinhou o seu caracter oportunista e encorajou-as como indicando influências putchistas no nosso movimento.

d) Desta forma, o 2º Congresso legal abriu fogo contra as concepções, tendências e vícios putchistas no movimento anti-fascista português e, em particular, no nosso Partido. Isto significa que tais concepções e tendências estejam mortas? Não. É necessário um combate insistente e firme contra elas, é necessário a cada passo rectificar os mais ligeiros desvios na actuação partidária. Há ainda camaradas que tendo defendido concepções influenciadas pelo putchismo, resistem em reconhecê-lo francamente. Isso é o maior perigo, porque não tendo reconhecido o erro passado mantêm-se incompreensões que podem ser a raiz de erros futuros. Daí a necessidade duma constante vigilância politica dentro do Partido.

O combate contra o putchismo que o 2º Congresso lançou, não deve ficar limitado às discussões havidas no Congresso e as suas Resoluções. As concepções e erros e os desvios, que atestam influências putchistas, devem ser amplamente discutidas em todos os escalões do Partido. Os materiais do Congresso (informes e Resoluções) constituem uma sólida base para essa discussão. A luta contra as influências que continuam a prejudicar uma justa orientação do movimento de Unidade Nacional e os seus progressos orgânicos e politicos, deve tornar-se, dentro do Partido, uma verdadeira campanha contra o putchismo. No movimento de Unidade Nacional os comunistas têm o dever de

não só lutar ideologicamente contra a forma de lutar contra o putchismo. o putchismo como dar uma justa orientação aos organismos da Unidade Nacional e tarefas concretas dentro da orientação justa, o que será a melhor

Exputguemos as influências putchistas do movimento operário e anti-fascista português.

*

GES
PCP

As Lutas Reivindicativas e a Sua Justa Orientação

Nas lutas reivindicativas, o papel do Partido não está sómente em saber mobilizar as massas para a luta, mas sim em saber impulsioná-las para a frente, abrindo-lhes novas perspectivas.

Por isso, para orientar e dirigir correctamente as lutas reivindicativas das massas, o nosso Partido tem de ter uma noção exacta da evolução que essas lutas vão tomando, pois quando se opera uma viragem na situação, é preciso saber formular novas palavras de ordem que condigam com o momento, e que não se fique agarrado às palavras de ordem velhas; isto é saber assegurar o anel que nos permita apanhar a cadeia do nosso trabalho com o fim de passar a uma fase superior da própria luta, como nos ensinou Lênine.

Este é o papel do verdadeiro militante comunista.

Terá o nosso Partido acompanhado a evolução das lutas nestes últimos cinco anos? Terá feito um reajustamento — no devido tempo — das suas palavras de ordem?

Haverá uma compreensão nítida, entre os militantes do Partido, sobre as mudanças que se têm efectuado e as perspectivas que se abrem? Cremos que não.

Notam-se alguns progressos e experiência em todo o nosso Partido na condução e orientação das lutas reivindicativas, mas não temos sabido acompanhar a sua evolução operando as viragens necessárias com a devida rapidez e as palavras de ordem justas, para tirar o máximo proveito delas, a fim de elevar o nível político de todo o Partido e das massas trabalhadoras em geral.

Para bem compreender a evolução que as lutas vêm tomando nestes últimos cinco anos, seria necessário dar um balanço geral das mesmas, analisando

a situação em que se têm desenvolvido e os resultados alcançados, pois só assim poderíamos ver em detalhe todos os nossos progressos e debilidades. Mas esta análise não pode ser feita num simples artigo do "MILITANTE". O fim deste artigo é, por conseguinte, ver o que há de novo nas lutas presentes e como as devemos orientar. Para isso vamos apresentar um único exemplo que julgamos que será o suficiente para dar uma ideia geral da actual situação.

Em fins de 1941, os operários da Covilhã lançaram-se na luta pelo aumento de salários. Esta greve foi a primeira, depois de ter sido estabelecida a organização corporativa. Esta greve assinalou o rompimento com a forma arbitrária que o salazarismo quis impor ao movimento operário. Este acontecimento assinalou, portanto, um despertar das massas trabalhadoras para a conquista das suas reivindicações pela luta.

Mas este acontecimento foi quase despercebido pelas restantes massas trabalhadoras do país. Nesta altura o salazarismo encontrava-se forte e as massas operárias faziam as suas tentativas de luta contra ele.

Em princípio de 1946, os mesmos operários da Covilhã em conjunto com os operários de Tortozendo, Gouveia e Carvalhos lançaram-se novamente à luta pelo aumento dos seus salários. Neste movimento já não são só os operários da Covilhã que vão à luta, são também os operários de outras localidades que se solidarizam com eles. Além disso o primeiro movimento foi quase despercebido pelas restantes massas trabalhadoras do país, enquanto no segundo, quase todas as massas trabalhadoras do país, tiveram conhecimento e interessaram-se por ele. Alguma coisa de novo aparece portanto no se-

gundo movimento. Enquanto, no primeiro, os operários se encontravam só na luta, no segundo, não só têm o apoio de outros operários da mesma indústria de outras localidades, mas também a solidariedade moral e material doutros sectores operários e da população. Quer dizer: a situação era muito diferente em 1946 de que 1941. A correlação de forças entre os operários da Covilhã e o governo salazarista era muito mais favorável aos operários em 1946 de que em 1941, todavia os resultados nas greves de 1941 foram mais favoráveis aos operários, pois conseguiram o aumento nos salários, enquanto em 1946 não só não conseguem o aumento nos salários como ainda perdem algumas regalias conquistadas nas lutas anteriores.

Como foi que possível, então eles em 1941 obtiveram uma vitória parcial, com forças muito menores e com o inimigo muito mais forte, enquanto em 1946 com forças mais poderosas e um inimigo fraco nada conseguiram?

Só pode haver uma explicação justa e clara a esta pergunta: e que os operários, da Covilhã não souberam mobilizar as forças que apoiariam a sua luta: não fizeram o menor progresso na mobilização de novas forças; não deram conta da nova situação. Mas isto deu-se apenas com os operários, porque, quanto ao salazarismo, este tinha tomado novas precauções para não ceder aos primeiros momentos.

Nas primeiras lutas o salazarismo foi surpreendido pela decisão das massas, não contava que os trabalhadores fossem à greve; isso obrigou-o a ceder em muitos lugares. Mas, à medida que ia vedendo aqui e ali, ia ao mesmo tempo tomando medidas para enfrentar a situação: tomava medidas mais repressivas (medidas excepcionais de temor no movimento de 1946 para obrigar os operários pela fome a retomarem o trabalho) e procurava iludir os trabalhadores descontentes com assinaturas de contractos colectivos e outras promessas demagógicas. Quer dizer: o salazarismo que, nos anos anteriores às primeiras greves, não ligava grande importância às massas trabalhadoras, passa, depois das primeiras greves, a ter uma preocupação constante com a sua movimentação, pois procura prescitar, as massas, indo ao encontro dos seus desejos com promettimentos e atenções

até essa data não tinha. O salazarismo, dando conta da gravidade da situação, procurou, pois, quebrar o ímpeto combativo que as massas vinham imprimindo às lutas, fazendo-lhe crer que elas poderiam solucionar os seus problemas sem recorrer à greve. Cedendo numa parte ou noutra, ele procurou e procura evitar que as lutas tomessem uma maior amplitude, isto é que abranjam sectores inteiros de trabalhadores. Todo o esforço do salazarismo, neste últimos tempos, é conduzido no sentido de impedir que as lutas não saiam do âmbito das anteriores, quer dizer, que não saiam do âmbito local; que se não transformem em lutas de indústria, de região ou à escala nacional; que não abranjam as massas trabalhadoras em geral.

Ora, não é em vão que o salazarismo faz esse esforço. **ELE FA-LO PORQUE RECONHECE QUE, NA SITUAÇÃO PRESENTE, HÁ CONDIÇÕES PARA MOVIMENTOS DE MASSAS DE GRANDE ENVERGADURA.**

Mas, o que o salazarismo vê, desde há muito, não é visto ainda por muitos dos nossos camaradas. Para estes, as lutas de hoje, ainda temem o mesmo âmbito estreito das lutas de há 3 ou 4 anos atrás, isto é, só veem a luta restringida à sua empresa ou oficina; não veem as novas perspectivas que se abrem; como é possível hoje ir mais longe, mobilizando sectores inteiros dos trabalhadores para a luta.

Na actual situação, com o descontentamento existente entre a maioria do povo e com a experiência adquirida pelas massas nas lutas anteriores, não é difícil fazer-lhes compreender que não se trata somente da sua luta particular mas sim da luta de todo o povo contra o salazarismo. Devemos saber elevar a sua consciência política, mostrando-lhes a base dos seus próprios factos como isso se pode materializar. A última greve dos operários da Covilhã e a recente greve dos vendedores de jornais de Lisboa são dois exemplos pelos quais podemos demonstrar, como as greves actuais veem tomando um carácter muito mais amplo que as anteriores.

Actualmente o povo acompanha o mais pequeno movimento com interesse, disposto a apoiá-lo não só no aspecto moral como material. Está em nós, saber aproveitar todo esse ambiente favorável



vêl, saber d' mobilizar todas essas forças para a luta.

Na situação present, uma pequena luta pode originar um grande movimento de massas em seu apoio. E, pois, promessas perspectivas e orientamos o orientar a nossa acção. A desencadearmos uma luta, por mais pequena que seja, devemos ter em conta esta nova situação que nos permite mobilizar novas forças contra o salazarismo.

A tarefa dos nossos camaradas está em saber orientar e conduzir as massas para essas acções mais largas, onde possam verificar com a sua própria experiencia as forças de que podemos dispor para fazer frente ao fascismo sa-

lazarista.

A effiação de Comissões ou Comitês de trabalhadores por local de trabalho e o seu contacto e entrelaçamento com outras Comissões ou Comitês na base de indústria ou região, para empreender a organização das lutas reivindicativas, e de solidariedade, deve ser o objectivo fundamental que nos deve orientar no presente momento.

As condições estão maduras para movimentos de massas à escala nacional, depende somente que as saibamos aproveitar.

Mobilizemos as nossas forças para o conseguirmos.

*

Activemos a Mobilização dos Camponeses para a Luta



Ainda passado algum tempo após o aparecimento do Movimento de Unidade Democrática se notava em relação a elle ausência da participação efectiva das massas trabalhadoras—particularmente da classe operária. Isto era uma grande deficiência que se impunha eliminar. Assim, uma vez analisada a situação foram encaradas medidas, tanto de orientação como de organização, e hoje o M. U. D. é de facto um verdadeiro movimento de massas contra o fascismo e pelas liberdades fundamentais do povo português. Centenas de Comissões Distritais, Concelhias, de Freguesia e de Trabalhadores Democráticos se constituíram de Norte a Sul do País e numerosas acções de massas foram levadas a cabo destacando-se entre todas a de 31 de Janeiro em que mais de 100 mil Portuguezes de ambos os sexos desceram à rua comemorando esta data de luta pela Republica exigindo Liberdade e Democracia.

Mas o certo é que continua a existir uma grande deficiência que é necessária corrigir rapidamente. Esta deficiência reside na fraca organização e participação das massas trabalhadoras do campo nesta grande luta pela Liberdade e pela Democracia. A sua organização e participação no M. U. D. não está de harmonia com o que neste sentido sa-

cede com as restantes camadas da população, especialmente a classe operária. A que se deve isto? Isto é devido às deficiências, anteriores, do trabalho do Partido no que se refere à formação de organizações do Partido entre os camponeses; a não se terem constituído Comitês de Unidade Nacional, de harmonia com as possibilidades e das necessidades e, fundamentalmente ao facto de os organismos e militantes do Partido, sobretudo do campo, ainda não terem encontrado as formas mais adequadas e mais correspondentes à organização e mobilização dos camponeses na fase actual da luta.

Ao nosso Partido assim como às outras forças da Unidade Nacional cabe, em grande parte a responsabilidade na eliminação desta deficiência e na realização desta tarefa. É necessário rápida formação de Comissões do M. U. D. nas vilas, nas aldeias, nas praças e em todos os lugares de trabalho e da vida camponesa. Por outro lado há que intensificar a formação de organizações do Partido e da Unidade Nacional, e prestar um maior auxilio às organizações já existentes, tendo em conta as suas deficiências características e as experiencias recolhidas até à data.

Todas as organizações; todos os militantes do Partido devem ter sempre mui-

to presente que os camponeses são em todos os tempos o mais forte aliado do proletariado contra o seu inimigo comum. Nesta fase da luta pela Liberdade e pela Democracia para o povo português, temos que encontrar as formas mais acessíveis e correspondentes a fim de conseguirmos organizar e mobilizar as massas camponesas, a fim que elas participem ao lado do resto do povo de Portugal nas várias lutas pela Liberdade, pela Democracia, contra o fascismo.

Por uma Prática Sã da Crítica e da Auto-Crítica no seio do nosso Partido

A crítica e auto-crítica são, de entre as exigências do método leninista as fundamentais para o fortalecimento político e orgânico do Partido. Sem uma prática justa da crítica e da auto-crítica no seio do nosso Partido este não conseguirá pôr a nu a raiz dos seus erros e deficiências e não poderá estabelecer e aplicar medidas justas e consequentes para a sua eliminação na prática.

Apesar de notáveis progressos a assinalar, neste aspecto, na actividade dos nossos militantes e organizações, muitos erros e deficiências se verificam ainda hoje na aplicação da crítica e da auto-crítica a todo o trabalho partidário. Por vezes a crítica é feita de uma maneira derrotista e destructiva, e, também, por vezes a auto-crítica não é feita de uma maneira aberta e honesta.

Eis porque se torna absolutamente necessário estabelecer em todo o Partido uma justa concepção da crítica e da auto-crítica e intensificá-la na prática diária de toda a actividade partidária.

Certos camaradas, porém, não o entendem assim. Por vezes a crítica limita-se a "dizer mal" sistematicamente, e, em muitos casos, é generalizada a outros aspectos da nossa actividade, sobre os quais ela não se justifica, e em termos que impedem um inteiro convencimento da justeza de alguns dos erros apontados. Por outro lado, também certos camaradas reagem por vezes à crítica, atendendo mais aos termos em que é feita do que aos erros e deficiências que a motivaram.

Sem dúvida que importa que a crítica seja conduzida de maneira a não ferir as susceptibilidades dos camaradas e de molde a fazer incidir a sua atenção para os erros apontados e para a sua mais justa solução.

Entretanto, o que fundamentalmente interessa na crítica, é saber se as deficiências apontadas existem ou não e se as medidas propostas para a sua eliminação são as mais indicadas.

A auto-crítica significa o reconhecimento aberto dos erros e deficiências da actuação partidária de cada organização e de cada militante do Partido. Isto implica uma análise cuidadosa, em cada, situação dada, das causas que os originaram, no sentido de se estabelecerem medidas para a sua **RECTIFICAÇÃO** na prática. É neste sentido que a auto-crítica pode constituir uma contribuição positiva para o melhoramento do trabalho partidário, e se enquadra numa verdadeiramente constructiva degenera no campo pernicioso da auto-defesa, a discussão resvala para um terreno pessoal, em absoluto prejudicial à unidade de acção do Partido, além de constituir um obstáculo para o reconhecimento franco e aberto dos nossos erros e deficiências e para a sua consequente rectificação.

Outros camaradas reconhecem, "em princípio", a justeza de uma crítica, mas depois afogam-se em justificações e mais justificações, torcem o sentido das intenções que os levaram ao cometimento dos erros ao saber das suas próprias conveniências, e fogem assim a uma verdadeira e sã auto-crítica.

PUNHAMOS A NU COM TODA A CLAREZA E DESASSOMBRO OS NOSSOS ERROS E DEFICIÊNCIAS E DEMONSTREMOS DEPOIS NA PRÁTICA DO NOSSO TRABALHO QUE SOUBEMOS RECTIFICÁ-LOS!
FORGEMOS E INTENSIFIQUEMOS EM TODO O PARTIDO UMA CRÍTICA E AUTO-CRÍTICA VERDADEIRAMENTE LENINISTAS!